

TOM SAWYER E A SUBVERSÃO DOS VALORES NA LITERATURA INFANTIL OITOCENTISTA

DOI: 10.47677/gluks.v24i3.493

Recebido: 30/08/2024

Aprovado: 28/11/2024

BRAGA, Luiza Herrera¹
CANO, Jefferson²

RESUMO: O presente trabalho propõe uma leitura da obra *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain. A investigação se debruça sobre a análise do modelo infantil formulado através da construção de Tom Sawyer, atentando para sua característica expansiva e travessa, bem como pelo foco no aspecto subversivo da personalidade da criança, sendo esse relevante tanto para sua composição quanto para a orientação de suas ações.

PALAVRAS-CHAVE: Modelo infantil, Subversão, Tom Sawyer, Literatura infanto juvenil.

Samuel Clemens nasceu em Flórida, Missouri, em 1835, contudo, suas memórias de infância são predominantemente situadas em Hannibal, a cinquenta quilômetros ao leste, onde sua família se estabeleceu por decisão paterna, visando melhores condições financeiras. A mudança propiciou seu testemunho de diversas profissões em torno do rio Mississipi, gerando uma ambientação de aventura. Embora sua carreira profissional tenha se iniciado em 1848 como aprendiz de tipógrafo, Clemens experimentou uma série de profissões, dentre as quais ressalta-se a atividade como piloto de embarcações, carreira em que teria encontrado a origem de seu aclamado pseudônimo, Mark Twain.

Na linguagem náutica, “mark twain” significa a profundidade de água mínima necessária para uma travessia tranquila. Entretanto, tranquilidade é o traço menos relacionado à obra do autor, que é reconhecido por seu humor irônico e críticas satíricas. Talvez por essa razão, *As aventuras de Tom Sawyer* receba menos atenção da crítica, visto se situar entre as obras infantis. Contudo, esta e *As aventuras de Huckleberry Finn* (1885) delimitam a atuação

¹ Mestra em Teoria e Historiografia Literária no Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/ Unicamp, atualmente aluna de doutorado do curso de Teoria e Historiografia na mesma instituição, realizando a pesquisa de pós-graduação com o fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Contato via endereço eletrônico: luizaherrera93@gmail.com.

² Livre Docente em História e Historiografia Literária, professor associado do Departamento de Teoria Literária – Universidade Estadual de Campinas. Contato via endereço eletrônico: jcano@unicamp.br

de Twain como autor de histórias de aventuras, dividindo seu reconhecimento internacional, ao lado dos relatos de viagem que levaram o autor ao patamar de figura pública (Quirk, s/d.).

Publicada pela primeira vez em 1876 na Inglaterra³, a obra descreve o crescimento de um menino de caráter imaginativo, cujas ações, apesar de não convencionais, não são efetivamente reprováveis. Thomas Sawyer, até onde o narrador nos permite saber, é órfão, e por isso é criado pela tia materna, Polly, que se divide entre a sua criação, a de seu meio-irmão, Sid, e de sua prima, Mary. Como é de se esperar, em uma casa com crianças, sempre haverá sobressaltos, de forma que a narrativa se torna relevante pela frequência e diversidade de travessuras que a argúcia de Tom é capaz de alcançar.

O presente e futuro de Tom estão conectados por um projeto de criação, que os adultos formulam para ele, e ao qual deve se submeter. Entretanto, a narrativa também nos mostra traços de indisciplina e resistência frente às normas estabelecidas por esse projeto. Ao pensar em um plano para direcionar Tom ao caminho que se deseja para ele, tia Polly, bem como o resto da comunidade da Vila de St. Petersburgo, desconsidera sua característica expansiva natural, dado que o coloca em constante conflito com os diversos setores de autoridade.

A relação entre a personagem e sua comunidade é privilegiada na leitura de *Tom Sawyer* feita por Cecil (1969), que se ocupa do constante conflito entre Tom e a autoridade local, representada por três instituições, a escola, a Igreja e o lar, que se unem na tentativa de guiá-lo em conformidade com a noção pré-estabelecida de um bom garoto. Assim, essas forças operariam no sentido de deter o desenvolvimento livre da personalidade natural de Tom, dado que geraria duas visões sobre o menino: de um lado seria uma criatura envolta em uma armadilha⁴; do outro, um herói.

Privilegiando a segunda opção, a reflexão se volta para a construção de Tom Sawyer em paralelo com Robin Hood, uma vez que, ao longo da narrativa, vemos brincadeiras

³ Sobre o contexto da primeira publicação da obra, uma pesquisa sobre as primeiras resenhas da obra é encontrada no trabalho de Welland. Ver Welland, D. A note on some early reviews of *Tom Sawyer*. *Journal of American Studies*, V.1, N°1 (Apr. 1967), p. 99-103.

⁴ Na defesa desse aspecto, a pesquisa se debruça sobre o evento da corrida do carrapato descrita no capítulo VII da narrativa, em que Tom Sawyer e Joe Harper brincam com um carrapato, direcionando o andar do inseto conforme desejam a partir do uso de alfinetes. De acordo com Cecil, haveria uma identificação entre Tom e o carrapato, na condição de capturados. Os alfinetes, por sua vez, representam a força institucional da vila, que opera no sentido de deter o desenvolvimento livre de sua personalidade natural.

fantasiosas que seguem um culto ao bandoleiro. Cecil retoma a cena em que, recuperando pela memória uma narrativa da lenda, há a encenação da morte de um dos bandoleiros por Tom e seu amigo, Joe Harper. Refletindo sobre a fidelidade dos meninos às falas das personagens durante a representação, o trabalho argumenta que esta atestaria a sinceridade da devoção dos meninos pela figura. Além disso, para Cecil, a reverência infantil estaria fundada no reconhecimento de um paralelo entre a representação de Robin Hood e suas vidas. Estando tanto o bandoleiro quanto os meninos em oposição à autoridade, Tom tomaria a mesma iniciativa de opor sua boa intenção à tirania. Assim, a caracterização de heroísmo de Tom compartilharia do impulso de Hood por corrigir injustiças, bem como do resultado benéfico de seu sucesso retornando para a comunidade, elemento que justificaria a rebeldia.

Com isso, vemos que haveria um movimento de apropriação do menino das leituras que faz. Tendo como referência de atuação um modelo que visa corrigir as injustiças, se opondo a uma autoridade tirânica, o menino internaliza a conduta de ação da personagem literária e a traduz em sua realidade, adaptando-a ao seu mundo. Assim, vamos ao encontro da posição de Santayana (1952) de que a leitura de Tom Sawyer é transpassada por uma sensação quixotesca.

Seu argumento tem base na liderança do menino nas aventuras, dada por sua coragem natural e pelo engajamento na missão sem interesse pessoal, sendo que tanto o desinteresse quanto a liderança teriam origem na imaginação. Esta, por sua vez, estaria acima das convenções e apresentaria um bom senso internalizado de caráter heroicamente autônomo. Assim, vemos que o paralelo entre Tom Sawyer e D. Quixote se dá pelo compartilhamento do desejo por aventuras e, sendo que estas se pautam por um referencial literário, o apelo imaginativo faz com que a participação nas peripécias seja mais relevante que o benefício pessoal, bem como acarreta uma substituição do referencial sobre as convenções, privilegiando a conduta heroica em detrimento da norma de suas realidades.

Retomando a ideia de bom senso heroicamente autônomo, segundo Santayana, tanto Tom quanto Huck⁵ o manifestam em brincadeiras e travessuras, atuando de acordo com a

⁵ O trabalho de Santayana se sustenta tanto em passagens de *As aventuras de Tom Sawyer* quanto de *As aventuras de Huckleberry Finn*, de maneira que seus argumentos ora se sustentam por uma ação de Huck Finn, ora por uma de Tom Sawyer. Aqui buscamos privilegiar Tom Sawyer, considerando Huck Finn na medida de sua participação nas aventuras de Tom.

convenção das obras de aventura que lê, mas com respeito supersticioso. De acordo com o autor, esse respeito se manifestaria nas considerações dos meninos sobre as crenças e superstições da região em relação a suas aventuras, de maneira a causar uma mistura entre a crença em bruxaria com o martírio cristão. Como defende o autor, essa mistura é essencial para unir os princípios de honra e caridade, impulsionando a ação infantil em direção a corrigir a realidade. Com isso, vemos que a crença em algo intangível seria norteador para uma ação corretora que, aqui, seguiria as normas da ficção.⁶ Porém, o pesquisador desconsidera um dado importante de Quixote que é seu papel como leitor. Vemos, na personagem de Cervantes, que o impulso pela aventura é construído a partir das leituras de Quixote, de maneira que a cavalaria andante é um desejo incutido em sua imaginação pelo fascínio literário, não uma expressão natural. Já em Tom Sawyer, a expansão se mostra desde o início como um caráter natural de sua personalidade, de maneira que as leituras apenas teriam a função de regularizar as normas de conduta, dado que reforça a sua posição nas aventuras menos como participante do que como líder.

Assim, o presente trabalho visa analisar em que medida a narrativa permite compreender o personagem Tom Sawyer enquanto sujeito em busca de expressão e agente de correção da realidade ao seu modo. Tendo isso em vista, busca-se analisar a construção da personagem enquanto rebelde em defesa de sua causa, cuja atuação não visa a extinção das regras estabelecidas, mas a sua manipulação para alcançar o resultado desejado a partir delas. Para tanto, parte-se do modelo da personagem infantil corrente na época de publicação da obra. Reconhecendo este como pautado pela submissão infantil, passa-se para a discussão das alterações dos valores incutidos neste modelo, visando um novo ideal heróico, contestando e renunciando a essa formulação passiva de infância.

As representações infantis na literatura para crianças

A autora canadense Lucy Maud Montgomery, em sua autobiografia *O caminho*

⁶ Entretanto, ainda vale notar que o pesquisador ressalta a loucura como grande diferença entre as personagens, uma vez que o dado da imaginação se manifesta de formas diversas para cada um. Como aponta Santayana, a imaginação de Quixote mistura os elementos da realidade e suas aspirações cavaleirescas, recaindo na loucura, enquanto Tom Sawyer é consciente de seu estado infantil que torna lícito o exercício imaginativo, implicando em um limite para a fantasia que o menino não extrapola.

alpino: a história da minha carreira, publicada em 1917, traz uma reflexão sobre sua atuação como autora infantojuvenil. A autora afirma seu gosto pelo gênero, contudo, também defende que este oferece uma limitação imposta pelo mercado, uma vez, para ser aceita pelos editores, a história deve conter um ensinamento, “uma moral insidiosa escondida como se fosse um comprimido disfarçado em uma colher de geleia” (Montgomery, 2020, p. 60). Lembrando de sua experiência de leitura infantil, seu relato oferece dados de interesse.

Dentre as leituras de Montgomery, figuravam principalmente histórias publicadas em revistas de entretenimento, assinadas por sua avó materna, alguns poucos romances, gênero cuja leitura por crianças não era aprovada, e poesia, com o contato infantil sendo melhor aceito entre os adultos. Entretanto, aos domingos, devido ao costume religioso, mesmo a poesia estaria vetada. A autora, porém, confessa que, sendo leitora ávida, conseguia contornar a proibição a partir da busca por alguns gêneros permitidos, como os sermões de Talmage. Sendo uma publicação em voga na época, cada novo volume recebia atenção análoga aos dos atuais best-sellers, mas a autora ressalta uma publicação específica.

Tendo sido escrita para crianças e com uma protagonista infantil, *Memoirs of Anzonetta Peters*, do reverendo John A. Clark, foi relido pela autora diversas vezes, marcando a memória e o relato de Montgomery. Segundo sua descrição da obra, esta conta a história de uma menina de forte inclinação religiosa que, passando por uma série de atribulações e sofrimentos, morre precocemente como exemplo de resignação e santidade. A somatória das informações sobre o conteúdo, a autoria e o contexto de leitura, deixa claro que a peça continha um objetivo didático, com Anzonetta Peters oferecendo um modelo de devoção para seus leitores, mostrando a eles o caminho da religião. Contudo, a srta. Peters não teria alcançado seu objetivo com a autora.

De acordo com as lembranças de Montgomery, essa narrativa era desencorajadora, visto que o exemplo da menina era tão perfeito que parecia impossível de reproduzir, sendo, portanto, inútil tentar. Esse distanciamento, porém, não era apenas pelo comportamento da menina, mas também pela escolha da linguagem usada pela protagonista que, conforme parecia à autora, escapava do plano comum infantil, visto sempre responder a uma pergunta simples com uma citação das escrituras. Ainda assim, a escritora se defende, afirmando haver tentado praticar um bom exemplo. Sem se atrever a usar versículos e hinos em uma conversa

corriqueira, a romancista alega ter seguido o estilo das anotações da menina em suas próprias, mas também confessa que se ocupou da tarefa mais por acreditar que deveria desejar isso do que por efetivamente o fazer.

Outro fator de interesse nas suas recordações é a afirmação de que, na época em que escreve a história de sua carreira, esse tipo de gênero já estaria extinto. Algumas hipóteses podem ser levantadas sobre o fato, sem que aqui esteja presente qualquer tentativa de solucionar a questão, mas é possível imaginar que outras crianças leitoras da história de Peters tenham tido a mesma reação. Assim, torna-se interessante considerar a presença na literatura infantojuvenil de obras de cunho mais realista do que explicitamente didático.

Em circulação simultânea à obra de Clark, embora escritos em períodos diferentes, Tom Sawyer oferece um modelo de infância que fornece um retrato diverso do de Anzetta Peters. A mistura entre rebeldia e aventura, resultando no travesso Tom Sawyer, mostra uma criança que não apenas não pode ser aproveitada como modelo devocional, mas que se entedia a cada domingo com a imobilidade da escola e serviços dominicais.

A subversão dos valores

Tom Sawyer nasce, como afirma Twain no prólogo da obra, da mistura de três meninos reais, e suas aventuras são, em certa medida, verídicas, tendo origem na própria experiência do seu criador, que as adaptou para a ficção. Nota-se que esse dado proporciona um abismo entre Sawyer e Peters, uma vez que o objetivo didático é apagado do horizonte de leitura em prol de uma descrição que ganha realismo por sua base na experimentação real que é transposta para a ficção. O dado factual traz implicações que retomam a ideia de moral da narrativa infantojuvenil, abrangendo as noções de causa, consequência e limites, necessárias para a tarefa de educar uma criança. Essas noções, porém, circundam o protagonista, não necessariamente moldando-o às expectativas sociais de um ideal de infância, o que talvez se encontrasse distante da concepção de formação expressa por Twain em uma entrevista publicada em 1890:

(...) quando você pensa nisso, nem religião, nem formação ou educação ajuda em nada contra a força das circunstâncias que conduzem um homem. Suponha que pegamos os próximos vinte e quatro anos da vida de Tom Sawyer e demos sacudida

nas circunstâncias que o controlavam. Logicamente, de acordo com a sacudida, ele se tornaria um velhaco ou um anjo. (Scharnhorst, 2006, p. 121-122, tradução nossa)⁷

As aventuras já se iniciam com a tia de Tom o procurando, encontrando-o na despensa, roubando geleia. A mulher não tem tempo para castigá-lo, já que o menino foge para a rua, onde encontra um garoto desconhecido, fazendo dele seu adversário. Eles lutam, Tom ganha, volta para casa (já tarde) coberto de poeira e glória, mas é visto pela tia. A decisão é final: Tom deve perder a diversão de sábado para pintar a cerca. O desencadear desses eventos é claro. Para educar Tom, a tia deve ensiná-lo a ser disciplinado, com a lógica se estabelecendo em uma relação de causa e efeito. A partir do estabelecimento de uma regra (limite) pela tia, o menino deve segui-la (causa) para não ser castigado (consequência). Embora a lógica funcione com Sid e Mary, irmão e prima de Tom, a submissão a essa condição não é completamente acatada pelo menino, que ora é punido, ora a subverte. Não sendo um menino-modelo, mas antes os desprezando, Tom Sawyer parece ter uma missão: já que não se pode evitar a pílula, ao menos se aumente a porção da geleia.

Sendo visto pelos adultos como travesso e indisciplinado, na verdade e antes de tudo, Tom é um menino inconformado. Sendo movido pelo desejo de aventura, a imobilidade é um estorvo para ele, impulsionando-o na direção contrária às normas que o aprisionam a lições e tarefas, e o impedem de explorar o mundo como ele deseja. A indisciplina se configura como ação de resistência do menino, que age na margem daquilo que é imposto, lançando mão de artifícios e astúcias.

Retomando o castigo da pintura da cerca, o garoto é deixado sozinho com o pincel e balde de cal em uma manhã quente de sábado. Sem a compaixão do irmão, uma esperança de salvação nasce quando Tom avista Jim, um criado da casa⁸, indo buscar água no poço, se

⁷ A tradução utilizada neste trabalho encobre algumas marcas linguísticas que apontam a condição de Jim como um escravo da família. Esta, porém, se recupera por outros elementos, como o fato de Jim ser um menino negro no sul americano do pré-guerra, bem como na comparação da tradução com o texto original. Nesse episódio, o garoto se refere a Tom como “Mars Tom”, e a tia Polly como “Ole missis”. Os títulos se traduziriam para o português como “sinhozinho” e “sinhá”, marcando a condição de escravo do menino e o estado político dos Estados Unidos em meados do século XIX.

⁸ Crime de oportunidade e vingança, uma vez que Injun Joe e Muff Potter estavam a serviço do Dr. Robinson na tarefa de roubar cadáveres. Para completar o trabalho, Joe exige uma soma a mais em seu pagamento como compensação a uma ofensa passada. O médico se recusa, há uma luta, e Joe o atinge com a faca de Potter que, alcoolizado, desmaia na confusão, se tornando o principal suspeito do crime pela ausência de indícios e

oferecendo para a tarefa em seu lugar. Para sua infelicidade, Jim já tinha sido interpelado por tia Polly, que se assegurou da concretização do castigo de Tom, proibindo-o de trocar de deveres com seu sobrinho. Com a recusa, Tom passa a demonstrar um divertimento excepcional com a pintura da cerca, e, com o passar da manhã, muitos meninos caem na sua armadilha e se rendem à diversão da pintura.

Visto que toda diversão tem um preço, brincar com Tom Sawyer não seria diferente. Mostrando-se engajado em uma atividade tão prazerosa, o interesse que demonstra faz com que os amigos desejem participar da ocupação. Ainda ansiando aproveitar o sábado, Tom finge resistência, levando a situação a uma espécie de negociação, uma vez que quanto mais se opõe, mais os seus amigos se empenham em convencê-lo a abrir mão desse júbilo e, para isso, oferecem seus tesouros. O garoto enfim cede ao desfile de anzóis, bolinhas de gude, dentre outras bugigangas e, em consequência disso, a cerca está completamente pintada, com três demãos de cal, e Tom não apenas se encontra livre para aproveitar o resto do dia, mas também em posse de um tesouro inestimável. Assim, vemos um sábado proveitoso, com a artimanha empregada tendo múltiplos resultados, posto que reverte a condição inicial do menino, e a manipulação da reação das pessoas, além de livrá-lo do castigo, o dota de frutos inesperados.

Todavia, reconhece-se que a ética envolvida no caso é, podemos dizer, um tanto questionável. É inegável que os amigos oferecem espontaneamente seus bens, mas o divertimento fingido de Tom nos faz duvidar da sinceridade de sua amizade. Supondo que este seja um amigo leal, aceitar os pertences dos demais em troca de um prazer ilusório, originado na intenção de satisfação pessoal, incute um rebaixamento em sua ação. Porém, um viés mais positivo de análise favorece o garoto tanto pela criatividade empregada no plano, quanto pela agilidade de pensamento, bem como verifica a astúcia do menino que, devendo apresentar uma cerca pintada à tia ao final do dia, modifica a norma e alcança o desfecho estipulado, extraíndo dele um proveito inesperado.

A partir desse episódio, a narrativa introduz uma característica de Tom que se repete em diversos momentos: sua perene agitação se relaciona menos na reversão da regra do que

testemunho de defesa. A situação se inverte a partir do testemunho de Tom Sawyer durante o julgamento, dado que acarreta na fuga do real assassino.

na sua flexibilização, dado que permite ganho de espaço para suas ações. Posto que Tom Sawyer vive suas aventuras no limite da norma, a maleabilidade visada sobre ela consiste em uma redução de domínio inversamente proporcional ao aumento da liberdade. Com a aventura sendo transferida para o mundo cotidiano, a ambientação nas margens do rio Mississippi implica em uma reformulação das peripécias para se tornarem tanto verossímeis na representação, quanto palpáveis para o mundo real, visto que este é análogo ao da ficção. Com isso, a plasticidade do limite para ampliação da atividade da personagem se torna relevante por lhe conferir autonomia e protagonismo dentro da representação cotidiana. Embora cercado de trivialidades, o restrito espaço da vila não implica em redução das aventuras e a busca da glória por Tom Sawyer.

Ainda outro exemplo da subversão operada nessa jornada é especialmente por se dar em torno da conquista de uma bíblia ilustrada por Doré, que seria dada como prêmio ao aluno que conseguisse memorizar dois mil versículos. Embora a prima de Tom, Mary, disciplinada no estudo, tenha conseguido o feito por duas vezes, o valor do esforço é relativizado na menção ao garoto de pais alemães, que, após conquistar quatro ou cinco Bíblias, “a pressão sobre suas faculdades mentais foi excessiva, e o garoto se tornou, depois disso, quase um idiota” (Twain, 2016, p. 39). Indisposto a seguir os exemplos de Mary ou do menino alemão, mas ainda visando o mérito de um acontecimento raro, a astúcia de Tom é novamente posta em relevo. Aproveitando das quinquilharias adquiridas no evento da cerca, o menino consegue trocá-las, durante o serviço dominical, com os mesmos amigos que as deram, recolhendo os cartões coloridos, conseguindo a soma necessária.

Ao fim do sermão, sob a solicitação do pregador, o menino se apresenta e surpreende a todos com o feito, mas também é surpreendido com uma pergunta que revela sua ignorância dos estudos bíblicos. O leitor pode apenas supor um final inglório para Tom Sawyer, mas seu desfecho ainda é mais auspicioso que o rapaz alemão, em posse da bíblia e de suas faculdades mentais.

Nota-se que a escola e o serviço dominical são uma dificuldade para o menino, encaminhando-o para o comportamento que parece tão problemático aos adultos. Mesmo não sendo adepto da leitura das memórias da srta. Peters, os sermões que o ensinam sobre a vida no além-túmulo têm um efeito sobre o garoto parecido ao da peça sobre Lucy Montgomery.

Aprendendo que a vida pós-morte se divide em prêmios adiados ou castigos eternos, a bem aventurança é construída sobre uma visão de restrição tão intensa que, para o menino, o esforço da vida reta passa a ser uma tentativa inútil. Assumindo uma posição de herói impenitente, Tom não se empenha, como a canadense, no exercício de um bom exemplo. A conduta de Tom, vale notar, não é má, sendo o menino capaz de virtudes como compaixão e fraternidade; entretanto, a religião aparece no livro como algo dissociado das virtudes do protagonista, ou de qualquer outro personagem. Como observa Feeney, a religião parece ser ineficaz e ilusória, dificilmente cumprindo suas promessas (Feeney, 1978-1979, p. 5).

Nem todos os meninos da vila são afortunados com uma casa, comida e família, e esse lugar marginal é ocupado por Huckleberry Finn, filho do bêbado da vila, abandonado e desasseado, que fornece um retrato completo do mau exemplo. Sua ostensiva marginalidade faz com que as mães proibam os filhos de se relacionarem com ele. Porém, essa mesma condição gera um fascínio muito grande, e os meninos bons não têm outra opção além de estabelecer uma amizade com esse menino mau. Aqui percebe-se que a oposição entre bom e mau se traduz na narrativa em termos de decência e indecência. Sendo estigmatizado como um menino mau, a amizade com Tom Sawyer, porém, mostra que Huck Finn é um sujeito leal e que cumpre sua palavra, de maneira que sua exclusão passa a ser determinada por seus hábitos. A rotina desregrada, a vestimenta decomposta e o vocabulário baixo, somados ao tabagismo em tenra idade, transmitem uma imagem que gera pouca confiança dos habitantes da vila em relação a Finn.

O ritual para se livrar de uma verruga, operado pelos meninos, põe às claras o debate sobre a conduta boa ou má pelo contraste entre as crianças, quando a missão se torna um pesadelo ao testemunharem Injun Joe, um bandido conhecido, assassinar o Dr. Robinson. Tendo provas da extensão da maldade de Joe, a possibilidade de serem descobertos como testemunhas do crime acarreta um medo crescente de sofrer alguma vingança. Com isso, o debate sobre a vida póstuma, previamente desdenhada por Tom, se torna alarmante, pois ambos acreditam estarem condenados. Tendo sido efetivamente travessos, a visão dos adultos sobre eles se torna base para a crença na condenação, e permite que esta ainda seja hierarquizada na reflexão dos meninos, uma vez que, ao fim e ao cabo, a desobediência de Tom não o situa em patamar similar ou inferior a Huck, de maneira que suas chances de

salvação seriam superiores.

O temor da morte que compartilham provém mais do hábito de acreditar na condenação do que na convicção de seu mau comportamento. De fato, após presenciar o crime⁹, as atividades de ambos os garotos não sofrem alteração em direção a uma vida disciplinada, pois a iminência do além não configura uma questão palpável para eles ao ponto de exercer grandes influências em suas vidas. A motivação do temor consiste, em suma, na iminência do castigo.

O modelo heroico

Embora Tom e Huck tenham jurado solenemente se manterem em silêncio a respeito do assassinato que testemunharam, a sensação de injustiça do caso acarreta um conflito interno nos meninos, que têm o poder de esclarecer as dúvidas e proteger um inocente. Assim, vemos que o caso retoma o elemento heroico apontado por Santayana, para quem o heroísmo persiste apesar das condições em que se manifesta, tendo raiz na gentileza de Tom. Vencendo o medo e testemunhando a favor de Potter, vemos a confirmação do argumento de Santayana de que a gentileza se mostra como o impulso capaz de superar qualquer conflito moral, dotando Tom de uma prontidão ao auxílio independente do grau de degradação do outro.

Com o tempo, e a partir do desaparecimento de Joe, o temor começa a perder força e dar lugar a novas aventuras. Sawyer e Finn dão início a uma caça ao tesouro, definido agora por valores econômicos do mundo adulto, não brinquedos, e que mudará a sorte dos meninos. A busca por fortuna é delimitada pelas narrativas de aventuras de conhecimento de Tom que, sendo líder da empreitada, determina que ele e Finn devem cavar o quintal de uma casa abandonada. Com a escavação malogrando, o dinheiro é encontrado dentro da residência, mas não pelos meninos, e sim por Injun Joe, que planeja se vingar da sra. Douglas, viúva do juiz que o condenou na juventude, antes de desaparecer por completo. Junto a seu cúmplice, ele descobre uma arca de moedas.

⁹ É de interesse frisar que Tom Sawyer, tanto como narrativa quanto personagem, apresenta limites na relação quixotesca, sendo essa presente como sensação e traço, mas não caráter efetivo. D. Quixote encontra o ideal na ficção, enquanto Tom Sawyer contrapõe esse ideal a partir do contraste com Anzometta Peters. Visto que a menina representa esse ideal, Tom marca a realidade em uma espécie de rebaixamento vantajoso, uma vez que é reconhecível e, portanto, reproduzível.

Seu reaparecimento desencadeia uma série de episódios, sendo relevante a atuação de Finn para a proteção da viúva e a descoberta de Sawyer sobre o deslocamento do tesouro da casa para uma caverna às margens do rio. Estando cientes da volta do bandido, Finn se incumbiu da missão de vigiá-lo, constatando o ataque contra a sra. Douglas. Acompanhando Joe e o comparsa, o garoto atina sobre a sequência do plano, pede socorro e consegue proteger a senhora, ganhando a confiança de quem recebeu ajuda, conquistando a gratidão da idosa e levando o malfeitor a uma nova fuga.

Nesse ínterim, em uma ocupação aparentemente desconectada da experiência de Finn, Tom Sawyer se distrai no piquenique de Becky Thatcher, a menina dos seus olhos, ao redor da caverna, à margem do Mississipi. Explorando o espaço, Tom e Becky se perdem nas passagens da gruta, passando dias em seu domínio. Contudo, visto que a atividade de Finn acarretou nova evasão de Joe, este buscou o dinheiro na casa abandonada, deslocando-o para o mesmo lugar onde se encontravam as crianças. Sem conhecimento dessa ocorrência, Sawyer, se depara com Joe pouco antes de ser resgatado, pondo-se a par dos recentes eventos após seu retorno à vila. A volta, vale notar, teve algumas ocorrências importantes para a virada da fortuna dos garotos.

Preocupando-se com o futuro das crianças da vila, os adultos optam por fechar a entrada da gruta para evitar novos desaparecimentos pela brincadeira de exploração, evitando que outras vítimas sejam feitas. Porém, a decisão e execução do plano se concretiza sem a informação de que Injun Joe estava na caverna e, ao efetuar o projeto, sepultam o homem ainda vivo. Aproveitando o debate dos adultos sobre as consequências morais, éticas e legais da ocorrência, Tom e Huck usam a distração para retornar ao lugar e reaver o tesouro. Posto que, com a morte de Joe, o medo da vingança se desfaz nos meninos, suas forças de atuação se renovam, e o novo projeto é concretizado. O resgate do tesouro, embora não recolhendo toda a quantia existente, mas o que os meninos são capazes de carregar, ainda assim os torna ricos, com cada um possuindo alguns milhares de dólares.

A vida de Tom não sofre um grande revés a partir dessa virada de sorte, tendo apenas alguém para gerenciar sua fortuna enquanto ainda não pode se ocupar disso por si mesmo. Entretanto, a realidade de Finn tem uma transformação radical. Antes mesmo de se tornar rico, tendo caído nas graças da sra. Douglas, a senhora sem filhos tinha se decidido a criá-lo,

tornando-o uma criança decente. A suposta premiação, entretanto, se mostra insalubre para o menino, de maneira que a fortuna o restitui à marginalidade. Tendo passado toda a existência sob a completa autodeterminação, Finn percebe a nova condição como um aprisionamento, uma vez que passa a ser necessário solicitar autorização para qualquer atividade que queira, sendo esta negada com frequência. A nova rotina passa a ser pautada pelo cumprimento de deveres, devendo ir à escola e à igreja, comendo nas horas determinadas e tomando banho todos os dias, como todo garoto amparado. Porém, o cumprimento da agenda parece demasiado para ele, e a inclinação ao ócio leva Finn a renunciar aos seus novos bens, evadindo do novo lar sem dar a conhecer a ninguém o seu destino, causando comoção na vizinhança.

Para solucionar o conflito de interesses entre a senhora, que deseja adotar o menino, e este, que visa à vida sem restrições, Tom Sawyer assume a postura de mediador, novamente usando sua argúcia, agora dirigida ao bem-estar de outros. Os argumentos do menino tentam convencer o amigo a voltar para casa e satisfazer os desejos da idosa, se permitindo ser bem-educado. Mas vale notar que a restituição da paz de espírito da mulher depende de uma promessa de desordem, pois, estando acostumado a localizar o limite das normas para poder agir, Tom tem novo ato de subversão das normas ao reproduzir esse limite para conseguir restituir Finn ao lar adotivo. Lembrando que os meninos se rendem constantemente à ambição pela glória dos grandes feitos, e que a equivalência aos personagens das narrativas de aventuras é o meio de saciar esse desejo, Tom se pauta nas aventuras de piratas e foras-da-lei, cuja condição de contraventores, ao fornecer um ideal de liberdade, se torna objeto de anseio, e é na promessa dessa liberdade que Tom convence Huck a seguir as regras.

Fantasiando sobre a carreira de bandoleiro, se situando como líder, Tom Sawyer constrói um cenário imaginário em que seu grupo causa grande comoção nos lugares pelos quais passa, seduzindo o amigo com a ideia. Mas, para isso, o menino retoma a norma onde ela parece não existir. Tendo Robin Hood como referência de ação, Tom mostra ao amigo que dinheiro e educação não são obstáculos para se ter uma vida de aventuras como ladrão. Antes, mostra que é apenas seguindo a um determinado conjunto de normas que se pode enquadrar em uma atividade ou outra. O caso em questão, ser bandoleiro, possui uma diferença essencial dos piratas: enquanto a vida no mar consiste em saquear os inimigos, matando-os e poupando

as moças para resgate, o ladrão precisa ser educado, pois no mundo afora são parte da nobreza, e possuem um lar para o qual voltar, dormindo na própria cama todas as noites.

Assim, vemos que, apesar de contraventor, o fora-da-lei tem um espaço de atuação definido, uma comunidade à qual pertencer e voltar, de forma que suas ações devem ser pautadas por princípios nobres, equivalentes à posição ocupada. Dessa maneira, o grupo de bandoleiros deve ser composto por figuras de valor, uma vez que é na respeitabilidade de cada integrante que se constrói a elevação do conjunto. Sendo feliz na escolha do exemplo que encontra na literatura, Tom mostra ao amigo as opções de movimentação que existem no limite das normas, simultaneamente em que expõe o próprio procedimento de atuação. Como resultado, Huck Finn se rende aos argumentos e determina voltar à casa, se tornar decente, deixando a sra. Douglas orgulhosa, e virar ladrão.

Renúncia ao modelo mecânico

O retorno de Huck Finn para a sra. Douglas encerra as aventuras sob a justificativa do narrador de não poder continuar sem que a história do menino se transforme na de um homem. Concentrando a atenção da obra sobre a infância, a narrativa direciona sua leitura de acordo com essa orientação. Em pesquisa recente, Barrantes (2011) mostra que o caráter das personagens, bem como a fonte para a construção da história, revela a importância da infância para o autor, como o reino absoluto da imaginação. Pensando nisso, o trabalho retoma a existência de um traço quixotesco no menino¹⁰, que se manifestaria por seu caráter imaginativo, criando jogos e se reinventando diariamente. Entretanto, a reflexão se estende para uma análise de Finn que, por sua vez, se destaca pela absoluta liberdade de seus atos e caráter, de forma que ambos são concepções irrenunciáveis da própria liberdade. Com isso, Barrantes defende a falta de grilhões apresentada na representação dessas crianças como deificação de uma ideia de infância em que a repressão socializadora do processo educativo não se sobressai.

¹⁰ Para jurar silêncio do testemunho do assassinato do dr. Robinson, Tom Sawyer redige um pacto sob a linguagem mais elevada que Huck Finn presenciou: “Huck Finn e/ Tom Sawyer juram/ que vão ficar de bico calado/ e que podem cair mortos durinhos/ se algum dia eles/ falarem e traírem.” (Twain, 2016, p. 80). No original “Huck Finn and/ Tom Sawyer swears/ they will keep mum/ about This and They/ wish They may Drop/ down dead in Their/ Tracks if They ever/ Tell and Rot”.

A noção de resistência ao processo educativo contra a renúncia da própria liberdade ainda se mostra produtiva. Ao entender a liberdade como grau de independência e exercício da vontade individual, esta se aplica a Tom Sawyer quando em contraposição ao modelo de criança oferecido por Anzonetta Peters. Relembrando a descrição da menina, sua devoção religiosa a situa como inclinada a adotar uma série de comportamentos definidos previamente, oferecendo uma caracterização geral da garota que mostra uma concepção de infância passiva. Apesar de ser efetivamente um exemplo moral admirável, Peters mostra uma forte noção de dever e disciplina, mas que se manifesta por sua assimilação mecânica. Transmitindo a impressão de ser incapaz tanto de vontade quanto de autonomia, a menina parece inexistente, e de fato o é. A inverossimilhança percebida pelos leitores, a julgar pelas memórias de Lucy Maud Montgomery, é consequência de uma concepção que não se confere no mundo tátil, dado que ressalta a contradição entre o objetivo didático da obra e sua ineficácia. Ao se sustentar sobre os valores a serem transmitidos, dando enfoque à noção modelar, a narrativa edificante parece se eximir do uso de recursos de verossimilhança que fariam a aproximação da obra com o leitor, dado que tornaria o modelo palpável e reproduzível.

Por outro lado, ao mesmo tempo que *Tom Sawyer* subverte os valores morais associados à educação das crianças, reforça o efeito produzido por expedientes realistas. Nos diálogos, há um rebaixamento do vocabulário, marcas de oralidade e uso de expressões corriqueiras, novamente se opondo ao apresentado por Peters. A elevação moral da menina se refletiria em sua fala, repetindo hinos e partes do livro sagrado. Já os meninos, com uma comunicação mais simples¹¹ e cotidiana, se mostram mais verossímeis, gerando menos estranhamento e mais identificação com o leitor.

Também contrariando a infância idealizada retratada na vida de Peters, temos na história dos meninos núcleos familiares muito distintos. De Huck Finn sabemos que seu pai era o bêbado da vila e sua mãe, que não figura na narrativa, abandona a prole. Sobre Tom, sabemos que este tem um meio-irmão, e que ambos são sobrinhos de tia Polly, dado que leva o leitor a concluir que os meninos são filhos de sua falecida irmã. Contudo, não há nenhuma

¹¹ No original “(...)when you come to think of it, neither religion, training or education avails anything against the force of circumstances that drive a man. Suppose we took the next four-and- twenty years of Tom Sawyer’s life and gave a little joggle to the circumstances that controlled him. He would logically and according to the joggle turn out a rip or an angel”.

informação sobre o pai de Tom ou de Sid, deixando subentendido que seriam pais diferentes. Também a filiação de Mary, prima dos meninos, é desconhecida, sendo que ela também chama Polly de tia.

Rompendo com a idealização moralizante, *Tom Sawyer* apresenta uma formulação de infância dinâmica, onde a criança se mostra ativa e autônoma, dotada de raciocínio e voz, podendo se defender e conquistar seus objetivos por conta própria, ressaltando a sua independência e autonomia. Encontrando meios de ação, Sawyer também se coloca como sujeito, e consegue espaço para expressar sua subjetividade. Ainda que ele não se comporte conforme o desejado, as atividades não comprometem seu bem estar, ou o bem estar comum. Ao contrário, a comunidade se beneficia com seu protagonismo, uma vez que, por meio dele, concretiza a justiça ao libertar um homem inocente, protege uma senhora viúva de um ato de vingança, e encontra alívio ao descobrir a vila segura pelo fim de um criminoso.

A insubmissão se mistura à liderança, e passa a se traduzir frente aos adultos como uma personalidade performática. Assim, podemos compreender a construção desse personagem dentro de um modelo heroico, em que a iniciativa autônoma se conjuga com os recursos realistas em uma narrativa que busca superar a barreira para a identificação com os leitores, ao mesmo tempo em que abre mão de servir-lhes de inspiração moral.

Referências

BARRANTES, A. Mark Twain: la vida que imaginó Tom Sawyer. *El Ciervo*, N°720 (Mar./2011), p. 34-35.

CECIL, L. M. Tom Sawyer: Missouri Robin Hood. *Western American Literature*, V.4, N°2 (Summer/ 1969), p. 125-131.

FEENEY, J. J. Darkness at Morning: the Bitterness in Mark Twain's Early Novel "Tom Sawyer". *Mark Twain Journal*, Vol. 19, No. 3 (Winter, 1978-1979), p. 4-5.

MESSENT, P. Discipline and Punishment in "The Adventures of Tom Sawyer". *Journal of American Studies*, Vol. 32, No. 2 (Aug., 1998), p. 219- 235.

MONTGOMERY, L. M. *O caminho alpino: a história da minha carreira*. Jandira, SP: Principis. 2020.

QUIRK, T. V. Mark Twain: American writer. *Britannica*. Disponível em <<https://www.britannica.com/biography/Mark-Twain>>.

SANTAYANA, G. Tom Sawyer and Don Quixote. *Mark Twain Quarterly*, V. 9, N°2 (Winter/ 1952), p.1-3.

SCHARNHORST, G (ed.). *Mark Twain: the complete interviews*. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 2006.

TWAIN, M. *As aventuras de Tom Sawyer*. São Paulo: Editora Ática, 2016, 7°ed.

TWAIN, M. *The adventures of Tom Sawyer*. 135th Anniversary Edition. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2010.

WELLAND, D. A note on some early reviews of *Tom Sawyer*. *Journal of American Studies*, V.1, N°1 (Apr./ 1967), p. 99-103.

TOM SAWYER AND THE SUBVERSION OF VALUES IN 19TH CENTURY CHILDREN'S LITERATURE

ABSTRACT: The present paper proposes a reading of Mark Twain's book *The Adventures of Tom Sawyer*. The investigation aims on the analysis of the child model formulated through the construction of Tom Sawyer, paying attention to his expansive and mischievous characteristic, as well focuses on the subversive aspect of the child's personality, which is relevant both for its composition and for the orientation of his actions.

KEYWORDS: Child model, Subversion, Tom Sawyer, Children's literature.